

O fim de um livro é a porta para o nada,
se não se vê no início uma alvorada.

.....
Se não se vê no início uma alvorada,
o fim de um livro é a porta para o nada.

Antonio Basilio Rodrigues

*

VARELA, Maria Helena. *Labirintos e Mapas*. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1998, 118 páginas.

A autora, enquanto em Portugal, sua terra natal, dedicava-se ao ensino da Filosofia, do Pensamento Português e da Antropologia e lá publicou o primeiro livro de poesia, *Alegoria do Ser*.

Mas um dia deixou-se alongar olhos e “pensamento” por outra terra e agora é professora visitante de Literatura Portuguesa e História das Idéias na Universidade Federal Fluminense, como reconhecimento pela capacidade sobrejamente demonstrada na Tese de Doutorado, PUC/RJ, *Heterólogos em Língua Portuguesa*, publicada igualmente pela Editora Espaço e Tempo.

Labirintos e Mapas, diz-nos o Professor José Carlos Barcellos, “é um livro que marca um novo patamar no diálogo poético entre Portugal e o Brasil” e, aludindo à formação da poetisa, acrescenta: “É dentro de uma tradição poética não apenas lírica ou épica, mas também filosófica, que surge a inconfundível dicção da poesia que ora se nos oferece”.

O crítico literário interessado e atento logo oferece o manancial de sua bagagem teórica para nos significantes, signos e símbolos, nos ideologemas, variantes e invariantes, metáforas, conotações, temas e formas, evidenciar – com justa propriedade – o valor e a ressonância do texto poético de Marta Helena Varela. Para nós, todavia, menos leitores, a autora revela-se uma “navegadora” em águas – ou espaços – muito suas, ampliando caminhos e enfrentando tempestades; extremamente sensíveis para afrontar fogo e vento, viver sóis e chuvas no inesperado da descoberta e na descoberta do inesperado, em plena excitabilidade e sintonia ampla: “poeta e navegante, / Próximo e distante”, além – ou qualquer outro advérbio – do “Maldito *cogito*, Maldito super ego, / Maldita culpa original... / Ocidente milenário que me pesa e grita / E não me deixa viver / Nem ser eu, / Mulher”, para “Amar e navegar”.

Cada Mapa registra uma viagem, cada texto reflete uma miragem: “instante sem futuro”, “esfinge que jamais responde”, “imagens do que fui” e constrói um Labirinto cujo Minotauro é/há “uma Mulher, / Um passivo ativo sem gênero / Nem número, / Sem dogma nem seita, / Um eterno fluir; / Um *poder ser* intempestivo / Que sente, quer e pensa, / Avança e silencia essa diferença / Na força virtual de seu *por-vir*”.

Labirintos e Mapas é um livro de poesia que pensa, ou um ensaio filosófico que sente, ou qualquer outra coisa ou apenas tudo.

Cada leitor terá sua própria experiência e saberá ler e viver sua essencial viagem. *Sentir? Sinta quem lê!*

Antonio Basilio Rodrigues

*

COSTA, Marcos de Farias. *João Ribeiro. Bibliografia anotada e comentada*. Maceió, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto e Lazer/Sergipe, 1998 – 154 páginas.

Marcos de Farias Costa entrega à pesquisa dos que se dedicam ao estudo de João Ribeiro – por Marcos considerado, com justiça, “uma das figuras mais fascinantes da história cultural brasileira” – uma relação com 562 títulos, uns especificamente sobre João Ribeiro e outros que a ele vêm a fazer referência. Além dos comentários que orientam para aquilo de que trata cada título, M.F.C. apresenta João Ribeiro em dois textos de sua autoria: “O subversivo João Ribeiro” e “O irreverente João Ribeiro”, nos quais fala de aspectos marcantes da personalidade daquele que foi, incontestavelmente, um precursor em várias linhas de estudo, defendendo e propagando idéias e posições que vieram a ser, bem mais tarde às vezes, igualmente propagadas e defendidas. Era ele veemente na defesa da legitimidade dos nossos modos de dizer, de nossos usos lingüísticos, na condenação das “caturrices gramaticais” dos que buscavam impor normas para o “bem escrever.” “É difícil, porém, determinar o limite da boa e casta linguagem entre as caturrices gramaticais e as novidades revolucionárias”, sabia João Ribeiro, que, não dispensando a ironia que lhe era peculiar, igualmente dizia que escrevera uma gramática para livrar-se “desse monstro” e errar à vontade.

Foi decisiva a contribuição de João Ribeiro para os estudos de História do Brasil e da nossa cultura popular. Para esses e outros aspectos chama a